

O “ronda da meia-noite”, ou um mundo que se queria branco: Silvio Floreal e as representações e condições da população negra na São Paulo pós-abolição²⁷⁹

Fábio Dantas Rocha

fabiodanrocha@gmail.com

Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo.

Resumo: O presente texto tem como pano de fundo a cidade de São Paulo da década de 1920. Pensando sobre o contexto de frenética e grande transformação dessa capital, pretendo analisar como a construção de representações acerca da população negra acabou por influenciar o seu processo de socialização e de integração à sociedade de classes paulistana. Utilizando como fonte principal a coletânea de crônicas de Sylvio Floreal, abordarei as diretrizes culturais que perpassam o discurso do autor sobre mulheres e homens negros.

Palavras-chave: Pós-Abolição; Negros em São Paulo; Relações raciais.

The “Midnight Round”, or a world that one wanted to white: Silvio Floreal and the representations and conditions of the black population in Sao Paulo post-Abolition.

Abstract: The present text is based on the city of São Paulo in the 1920’s. Thinking about the context of the frantic and great transformation of this capital, I intend to analyze how the construction of representations around the black population influenced its process of socialization and integration the society of class in São Paulo. Sylvio Floreal’s chronicles are the main documental source of this text. I seek to adopt line a cultural panorama that shapes the author’s discourse on black woman and men.

Keywords: Post-Abolition; Blacks in São Paulo; Race relations.

²⁷⁹ Esse artigo é resultado do desenvolvimento da pesquisa de mestrado “Saindo das sombras: negros e pobres em São Paulo (1890-1940)”, financiada pela FAPESP.

Introdução

Há tempos ando às voltas com o tema do Pós-Abolição brasileiro. É uma tarefa necessária para a historiografia brasileira pensar esse período. É preciso saber de que modo se desenvolveram a desigualdade racial e os seus padrões de funcionamento, e como e porque se modificaram desde o fim da escravidão. É dessa perspectiva que, desde os anos 1980, diversos trabalhos a respeito das relações raciais brasileiras têm sido elaborados.

A História Social brasileira tem se concentrando em investigar as significações e ressignificações raciais e a noção de liberdade dos sujeitos que viveram aquele tempo histórico. No campo ou na cidade, esses estudos demonstram que a experiência social dos recém-libertos foi repleta de disputas em torno de diferentes concepções de trabalho e de liberdade. Por esse motivo, entende-se que a Abolição não foi uma ruptura radical no mundo do trabalho brasileiro. O ex-escravo foi parte constitutiva desse mundo, pré e pós-1888.²⁸⁰

²⁸⁰ Flávio dos Santos Gomes e Antônio Luigi Negro afirmam a importância da noção thompsoniana de experiência para os estudos de História Social acerca do processo de abolição do trabalho escravo e o de proclamação da República. Para eles, a partir de meados dos anos de 1980, essa concepção ajudou a historiografia brasileira a pensar a história dos trabalhadores, e do trabalho, de uma forma que extrapolasse a rigidez de definições genéricas sobre classe. Nesse sentido, passou-se a pensar a cultura, não como um reflexo direto das classes, mas como algo dinâmico, mutável, conforme a vivência dos sujeitos, em dados espaços e tempos históricos. Portanto, a Classe passa a ser entendida como um fenômeno coletivo, que também deve ser analisada sob a luz das práticas cotidianas e sociais. Desse modo, estudos mais recentes têm trabalhado sobre a influência que as relações raciais e o racismo têm exercido sobre a vida e sobre as concepções de cidadania de negros e de negras, no pós-abolição. Sidney Chalhoub e Fernando Teixeira da Silva, em artigo seminal, seguem o mesmo caminho, declarando que, atualmente, a História Social do Trabalho não pode mais deixar à margem a experiência e as noções de cidadania e de liberdade dos ex-escravizados. Para uma maior compreensão dos projetos de cidadania que estiveram – e ainda estão – em disputa no pós-Abolição, conferir: GOMES, Flávio dos Santos; NEGRO, Antônio Luigi. "Além de senzalas e fábricas: um certo número de ideias para uma irrestrita história social do trabalho." In: GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG, Fino Traço, 2013, p. 25-43; CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira. "Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980". *Cadernos AEL*, v.14, n. 26, Campinas, SP, UNICAMP/IFCH, 2009, p. 15-45; MATTOS, Hebe M. de Castro; RIOS, Ana Maria. "O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas". *Topoi*, volume 5, nº 8, Rio de Janeiro, janeiro-junho 2004. Para uma discussão mais recente, ver: ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). 2016. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016; COSTA, Carlos Eduardo C. De *Pé Calçado: Família, Trabalho e Migração na Baixada Fluminense*, RJ. (1888-1940). 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013; FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *A gente da Felisberta: consciência histórica, história e memória de uma família negra no litoral rio-grandense na pós-emancipação (c. 1847 – tempo presente)*. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

As noções de relação racial e de experiências de liberdade, durante o tempo do cativo, assim como nos anos iniciais da República, são fundamentais para a interpretação de uma consciência racial que só pode ser forjada a partir do exercício da cidadania (com suas diversas mediações e reinvenções simbólicas) de sujeitos que tiveram suas vidas marcadas pela escravidão e/ou pela liberdade pós-1888.²⁸¹

Ainda que munidos por todo um cabedal de produções recentes sobre o tema, pode ser maior a quantidade de estudos que buscam abarcar a experiência da população negra da cidade de São Paulo. Não podemos esquecer que são múltiplas as formas de acessar a vida desses sujeitos. Se os negros membros de sindicatos, de sociedades de lazer, literárias ou esportivas são fundamentais para entender o protagonismo dessa parcela da população, o mesmo deve-se pensar sobre a fração dos que, por motivos diversos, não se relacionaram com essas instituições. Eles coexistiram de formas distintas com imigrantes, brancos nacionais, com policiais, médicos ou patrões, nos bairros tradicionalmente negros ou não. São experiências de classe que clamam por atenção da historiografia. Esses habitantes não desapareceram de São Paulo após o fim da escravidão e investigar suas experiências e vivências é indispensável para alcançarmos os arranjos sociais que conceberam durante a elaboração de suas consciências raciais. Para isso, a utilização, por parte do historiador, da Literatura como fonte, é uma instigante escolha que nos pode revelar testemunhos históricos que lancem luz àquelas mulheres e homens que, sendo negros, viveram uma cidade racializadamente dirigida contra eles.

A relação entre História e Literatura não é coisa recente e muito menos simples. Ainda que tomemos o segundo termo como obras ficcionais, nós, historiadores sociais, não as podemos entender como produções não referenciais. Já na década de 1960, Antônio Candido nos alertou que só é possível apreender de forma crítica a Literatura quando se consegue fundir “texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”.

É preciso ir mais a fundo do que o texto simplesmente conta; temos de buscar, no dito, o que não foi dito e que, curiosamente, pauta a construção da ficção. Se quisermos conceber

²⁸¹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2012; FRAGA FILHO, op. cit.; MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX)*. 3ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2013.

a Literatura como fonte para a História Social, não podemos deixar de lado a noção de “que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra”.²⁸²

Para a crítica literária, a desvinculação entre texto e contexto é ainda muito comum. Ela tem o costume de transformar o texto em uma realidade já dada, sem levar em conta às condicionantes sociais de sua confecção e escrita.²⁸³

A historiografia social, é claro, não pode proceder de tal modo. Para ela, o texto é referencial de realidade. Afinal, preocupada com processos históricos, no ato da pesquisa, não pode enxergar um romance, um poema, uma crônica ou um conto com um mero vislumbre de um *gênio* criador. A relação História e Literatura força o historiador a encarar tais criações artísticas como documentos datados e estruturados segundo uma lógica que a sociedade lhes impôs. Nesse sentido, autor e obra estão numa íntima relação: a segunda não existe sem a experiência social, cultural, política e econômica do primeiro.

Com isso, pode-se dizer que, embora ficcional, a Literatura nos oferece testemunhos históricos sobre determinados tempos e lugares. Se nos ativermos a essa premissa metodológica, conseguiremos fugir da teia argumentativa que tende a reduzir o mundo à “redes de textos, tornando impossível qualquer teoria do conhecimento baseada em pressupostos referenciais”. Se assim fosse, a realidade permaneceria “indemonstrável, opção que conduz ao colapso de texto e contexto no mesmo abismo reducionista da experiência exclusivamente estética da historiografia, da literatura, da cultura”.²⁸⁴

Se aceitarmos que são múltiplas as formas culturais de encarar um evento histórico, ou determinadas experiências, não devemos nos esquecer de que a ligadura dessas diversas fisionomias históricas “estão unidas por uma coerência subterrânea”²⁸⁵, que dá o formato a um quebra-cabeça a ser montado. É certo que um tempo remoto não pode ser atingido em sua totalidade. O que nos resta, em tal caso, são os vestígios do passado que, como um investigador de um crime, teremos que os juntar e interpretar.²⁸⁶ As obras literárias, portanto, são esses rastros. São fios de relatos que nos ajudam a contar histórias verdadeiras, pois, como

²⁸² CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história da literatura*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 13-15.

²⁸³ CHALHOUB, Sidney. “Apresentação”. *História Social*, nº 22/23, Campinas, SP, 2012, p. 10.

²⁸⁴ Idem, p. 10.

²⁸⁵ GINZBURG, Carlo. “A áspera verdade – um desafio de Stendhal aos historiadores”. In: _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.172.

²⁸⁶ Ibidem, p. 143-179.

testemunhos narrativos de aspectos da realidade, devem ser analisadas constantemente – postas à prova! –, de maneira a nos fazer escutar as palavras que, concretamente, foram ditas, mas nem sempre ouvidas.²⁸⁷

São essas certezas que embasam o presente artigo. Se texto e contexto estão dialeticamente unidos, parto da premissa de que a vida de Domingos Alexandre (o cronista Sylvio Floreal) é um importante fio condutor para uma boa interpretação de sua obra. Portanto, suas experiências, que aparecem na primeira parte desse texto, foram formadoras de uma visão de mundo que, embora crítica à modernidade que a São Paulo da *Belle Époque* começava a inaugurar, guardou uma série de vieses que buscaram estabelecer lugares sociais para a população negra da cidade.

Portanto – e aqui introduzo as duas últimas partes desse escrito –, tenho como pano de fundo a cidade de São Paulo da década de 1920. Pretendo analisar como a construção de representações acerca da população negra acabou por influenciar o processo de socialização e de integração dessas pessoas à sociedade de classes paulistana. Utilizando como fonte principal a coletânea de crônicas de Sylvio Floreal, *Ronda da Meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*, espero traçar as diretrizes culturais que perpassam o discurso do autor sobre mulheres e homens negros. Falo em fonte principal, pois, considero proveitoso o entrecruzamento entre literatura e outros tipos documentais. Esse método requer alguns cuidados. As crônicas que serão analisadas têm seu caráter de testemunho, não são meras exemplificações de informações que os outros documentos possam oferecer. Ao contrário, cada capítulo do livro de Floreal nos fornece indícios valiosíssimos da vida dos sujeitos que procuro investigar. Sendo assim, o processo-crime que utilizarei, a crônica de jornal e os dados que apresentarei, serão utilizados como recursos metodológicos para demonstrar que as representações dispostas no *Ronda da Meia-noite* estavam circulando no cotidiano da São Paulo *Belle Époque*.

²⁸⁷ Ibidem, p. 7-11.

Proletário das letras

Nascido na cidade de Santos, não se sabe ao certo quando, Domingos Alexandre, alfabetizou-se longe das instituições de ensino tradicionais, sendo um frequentador assíduo da Escola Noturna mantida pela Federação Operária de Santos.²⁸⁸

Instalada no andar superior de um açougue, quase na esquina entre a rua General Câmara e a rua Senador Feijó, a sede daquela organização funcionou como um espaço de formação política de trabalhadores da construção civil. Ali eram oferecidos cursos de alfabetização, desenho, teatro, sociologia, política e, ainda, contava com um grande “salão de leitura com jornais de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Barcelona, entre outros.”²⁸⁹

Foi naquela biblioteca que Domingos Alexandre iniciou sua educação. Lá, teve acesso aos mais diversos livros, desde os instrumentais (de auxílio à alfabetização), passando pelos de formação política, até chegar aos do campo da literatura. No salão de leitura, podiam ser encontradas obras como “*El Hombre y la Tierra*, de Reclus (editada pela Escola Moderna de Ferrer), *A Grande Revolução*, de Kropotkine, e obras de Tolstói, Bakunin, Máximo Gorki, Sebastian Faure e outros escritores revolucionários.”²⁹⁰

Affonso Schmidt conheceu Domingos Alexandre perto da redação do jornal *A Vanguarda*. Num dia de 1910, por volta das dez horas da noite, “depois da reunião do ‘conselho diretivo’, um rapazola da Federação Operária, que ficava ali por perto, ia ao jornal levar o comunicado do dia seguinte.”²⁹¹ Desde então, o então redator teve a primeira impressão de Alexandre, que se havia mostrado muito íntimo dos jornalistas ali presentes e das praxes jornalísticas.

Tinha as mãos grossas, duras e comidas pela cal. Vestia calça de riscado e um grande paletó castanho que quase lhe chegava aos joelhos. Não raro, quando gesticulava, as mangas engoliam as mãos. Além do mais, era dentuço. Tinha a profissão de servente de pedreiro, redigia os manifestos da Federação Operária e conhecia autores nacionais e estrangeiros. Sua memória era alarmante. Citava de cor páginas inteiras de Vargas Villa, Mário Mariani, Octavio Mirbeau. Ele próprio falava num estilo imaginoso, com afirmações escandalosas, para em seguida saborear na fisionomia do ouvinte o efeito que as palavras produziam.²⁹²

²⁸⁸ SCHAPOCHNICK, Nelson. “*Ronda Paulistana*”. In: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 11.

²⁸⁹ Ibidem, p. 12.

²⁹⁰ Idem.

²⁹¹ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. *A Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

²⁹² SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. *A Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

Pouco, ou nada, se sabe da origem de Domingos Alexandre. As informações sobre sua vida são desencontradas e escassas. Sem sobrenome, “escolhera um belo, um vistoso pseudônimo” para as ocasiões de sua escrita: “Sylvio Floreal!”²⁹³. Era um escritor voraz, “escrevia fabulosamente”. “Não havia papel que chegasse”. “Na rua, anotava frases - as suas memoráveis frases - na margem estreita de um jornal.”²⁹⁴ Affonso Schmidt chegou a dizer que o estudo de Floreal foi pouco.

Ribeiro Couto, uma vez, aconselhou-o:
-Sylvio Floreal, você precisa de escola...
Ao que ele respondeu, com a convicção de um Flaubert:
- Eu tenho a minha escola.²⁹⁵

Já sabia o que aquela federação de pedreiros ou de serventes de pedreiros tinha representado. Severino Cezar Antunha lembrou sobre a experiência naquele lugar:

[...]era belo, grandioso mesmo, ver homens de mãos calejadas, segurando desajeitadamente o lápis ou o tira-linhas. Muitos já maduros, com cabelos grisalhos ou luzentes calvas. Outros mais moços, com gravatas borboletas e bastas cabeleiras, com tinturas literárias e poses oratórias, viviam discutindo, discursando e ensinando o que sabiam.²⁹⁶

Ainda na década de 1910, Schmidt convida Alexandre – já Floreal – a trabalhar num “vespertino”, onde deveria “passar o dia no escritório e atender ao “público”, um “público” que nunca deveria aparecer ali.”²⁹⁷ Recusou a oferta, dizendo que, “na sua opinião, escrever para o público desvirtua o artista, engrossa a sensibilidade, torna-o incapaz das belezas sutis do estilo.”²⁹⁸

Sonhava voos mais altos, longe de Santos. “Um dia reuniu a maçaroca dos manuscritos e tocou para S. Paulo.”²⁹⁹ Na capital, passou por grandes dificuldades. Sem emprego, nem a camaradagem dos companheiros da construção civil,

Viveu os primeiros meses pelos cafés, escrevendo um pouco por toda parte. Era muito acessível e o seu caso atraía simpatia: mas a sua linguagem, rica de paradoxos rebarbativos, alarmava os tímidos. Ele bem sabia disso, mas nunca sacrificou uma

²⁹³ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. A *Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

²⁹⁴ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. A *Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

²⁹⁵ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. A *Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

²⁹⁶ SCHAPOCHNICK, op. cit, p. 12.

²⁹⁷ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. A *Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

²⁹⁸ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. A *Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

²⁹⁹ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. A *Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

bela frase por coisa alguma da vida. Conheceu, portanto, todas as gradações da penúria, até mesmo a vigília ao relento, nas noites de garoa paulistana.³⁰⁰

Na cidade grande, trabalhou como funcionário postal, mas logo deixou de comparecer ao trabalho. “Não suportava aquela humilhação quotidiana de assinar o ponto.”³⁰¹ Querendo, desde sua migração, escrever, só pode manter-se longe da miséria quando “suas lindas crônicas, coloridas e originais, começaram a ser publicadas num grande diário.”³⁰²

Foram suas experiências como servente de pedreiro, sindicalista, jornalista e pobre que marcaram sua escrita. Perambulando pelas ruas de São Paulo, em busca de emprego e também de histórias, pôde ser “cronista dos vícios, das misérias e dos esplendores da cidade de São Paulo.”³⁰³

Em 1925 tem seu livro publicado – *Ronda da meia noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. Nele, volta seu olhar para as “travessas escuras e fedorentas”³⁰⁴ dessa grande metrópole. Seu foco está nos “homens e mulheres infames, isto é, sem glória, como disse Michel Foucault, os presos, os loucos, os bêbados e os mendigos, que não puderam ser incorporados nas novas atividades produtivas da cidade.”³⁰⁵

Afeito à expressões estrangeiras, linguagem rebuscada, metáforas organicistas e biológicas, Sylvio Floreal descreveu o cotidiano de São Paulo, mostrando o lado “nada agradável nem higiênico da vida” nos “bares, cabarés, restaurantes, feiras-livres, mas também presídios, asilos, hospitais e hospícios.”³⁰⁶ É esse seu estilo que, também, pode demonstrar o paradoxo que o pseudônimo, Floreal, foi.

À margem dos grandes modernistas da década de 1920, Domingos Alexandre – sem sobrenome – fez parte dos que, descrevendo o controverso e as faces obscuras paulistanas,

³⁰⁰ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. *A Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

³⁰¹ SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. *A Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

³⁰² SCHMIDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. *A Tribuna*, Santos, 26 de jan., 1939.

³⁰³ SCHAPOCHNICK, op. cit, p. 13.

³⁰⁴ FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 65.

³⁰⁵ RAGO, Margareth. “*Nas margens da Paulicéia*”. In: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p.5.

³⁰⁶ Idem, p. 5.

não poderiam “abrigar quaisquer mensagens ou conteúdos que prestassem a ser utilizados como programas, fossem eles de difuso cunho nacionalista ou outro qualquer.”³⁰⁷

Suas crônicas demonstram a arguta, mas, também, moralista indefinição do sujeito que vivera a metrópole – aquele paradoxo! Crítico do processo de modernização e dos costumes dos habitantes, num “momento em que se iniciava a industrialização e a modernização, desmistificou a visão edulcorada da cidade, construída pelos memorialistas interessados em produzir um discurso laudatório da modernidade paulistana”³⁰⁸, ao mesmo tempo em que defendeu manutenções de hierarquias sociais e raciais.

Seus textos e sua vida são, em alguma medida, a expressão da contradição entre o moderno e o arcaico. Mostram que essa bipolarização em nada ajuda a entendermos o passado. Suas crônicas representam o outro lado da moeda da modernidade. Esse conceito que, como nos ensina Nicolau Sevcenko, traduz o frenesi que a eletricidade, o cinema, as jazz-band e o automóvel estabeleceram em São Paulo, na verdade, foi um dos projetos intelectuais e discursivos de cidade, que circularam durante aos excitantes anos da década de 1920. Em contraste a ele, Floreal apresenta uma cidade suja, gananciosa, pobre e infestada pelos piores vícios.

Mas, ainda que contra aquele projeto, as linhas de Sylvio Floreal afirmam a hipótese racial do programa moderno. Numa sociedade que almejava a ordenação e mecanização, os lugares sociais de brancos e negros deveriam ser demarcados. Nas palavras de Flávio dos Santos Gomes e de Marcelo Paixão, sem hierarquias raciais e sociais, o modelo de modernidade perderia seu significado.³⁰⁹

Como veremos, por trás de seu incômodo com a vertigem dos novos tempos modernos, Sylvio Floreal demonstra toda uma gama de estereótipos sociais que dizem muito sobre a sua confusão. A diferenciação que faz entre brancos e negros, imigrantes e nacionais, guarda muito do recém passado escravista brasileiro, ainda em vias de modernização. Contradição de seu tempo! São Paulo, para ele, é a “Cidade-Esperança” que guarda o paradoxo da “civilização-ultima hora”³¹⁰; que busca saber lidar com a opulência dos palacetes

³⁰⁷ SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: a representação humorística*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 156.

³⁰⁸ RAGO, op. cit., p. 5.

³⁰⁹ GOMES, Flávio dos Santos; PAIXÃO, Marcelo. "Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil." In: GOMES; DOMINGUES, op. cit. p. 305-325.

³¹⁰ FLOREAL, op. cit, p. 19.

e a miséria dos cortiços e becos. Ele é um homem assombrado por suas certezas sobre a cidade:

Brutal, espantosa, avolumas-te e resplandesces num dinamismo minaz e atrevido, erguendo-te do anônimo fermento ativo das vontades de todos os itinerantes que aqui ficaram adubando a teimosia com os sonhos incontidos de riqueza. [...] Deliras na insônia desabalada da vitória que corre no flanco do futuro!³¹¹

São Paulo da Belle Époque: a construção de um repertório

Nicolau Sevcenko caracteriza a cidade de São Paulo dos anos 1920 como uma babilônia. Era um “novo estado de disposição coletiva”. Depois da epidemia da Gripe espanhola (1918), da Primeira Guerra Mundial, e das greves de 1917 e 1918, haveria uma esperança de paz social, um fundamento emotivo ao qual, mulheres e homens, lançavam-se.³¹²

A pauliceia era uma “ânsia em marcha, desabusada e audaciosa”, que penetrava por todas as esferas da vida.³¹³ No entanto, esse novo estado de espírito guardava as suas incompatibilidades. Era constituída por sujeitos históricos que estavam espremidos entre o cheiro da gasolina queimada dos automóveis e do “estrume dos cavalos que ainda permanecia dominante”.³¹⁴ Era uma população que, descontextualizada, conviveu com a tecnologia cada vez mais atualizada, com um sistema econômico frágil e inflexível, com um cenário político instável e de grandes conflitos sociais. Uma sociedade em busca de sentidos para as atribuladas transformações.

[...] o mundo da razão, da palavra, da consciência, oriundo da traição neoclássica, científica e liberal do século XIX, já não trazia respostas em seu vocabulário assentado sobre estabilidades, que dessem conta de representar a nova ordem turbilhonante das coisas. O vácuo deixado pela consciência instila uma nova linguagem que articula diretamente os sentidos: uma linguagem imponente, irresistível, inefável, indiciosa [...] ³¹⁵

³¹¹ Ibidem. p. 20-21.

³¹² SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 24-25.

³¹³ FLOREAL, op. cit, p. 25.

³¹⁴ TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem*: uma história de São Paulo de 1900 a 1954. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2015, p. 81.

³¹⁵ SEVCENKO, op. cit. p. 32.

Sylvio Floreal, o narrador dessa metrópole em formação, consegue captar essa nova disposição cultural, essa nova identidade, esse novo estilo de vida. À inércia e à ociosidade, atribuída aos arcaicos, Floreal apresenta o Brás como contrapartida. Lá, não há mais o descanso que aproxima os homens “da perfeição de Deus”. Nesse bairro, “todos conspiram contra a estagnação e a preguiça, trabalhando ardorosamente, distanciando-se de Deus e da perfeição e aproximando-se do Homem.”³¹⁶

O Brás parece ser um pequeno retrato da cidade, onde pobres e miseráveis, pedindo esmolas, dividem o espaço com “industriais arrogantes e garbosos.” Onde, a cada esquina, escutava-se uma língua estrangeira.

Em cada rua, exhibe a sua tradição um povo diferente. Em cada praça, brincam chusmas de garotos peraltas e desbocados, produtos dessa feira de povos. E nos dias de férias escolares, então, o Brás, num grande desejo patriótico de patentear a sua extraordinária proliferação, de bom povoador do solo, exhibe nas praças e nas ruas o seu incansável esforço genésico, representando em magotes e magotes de crianças de todos os feitios e tamanhos.³¹⁷

O uso de palavras como chusmas e magote, e da expressão “feira de povos”, dá o tom da interpretação que Floreal faz da urbe. É uma multidão de gente, de várias nacionalidades, que, conforme a nova moral capitalista, deveria ser lapidada para a nova identidade paulistana: a da ação coletiva e do trabalho!³¹⁸

A exaltação dessas características tinha como seu alicerce didático a paixão pelo movimento, “a magia da energia superlativa.” Faria parte da “regeneração da raça.”³¹⁹ Sidney Chalhoub, ao estudar o pós-Abolição na cidade do Rio de Janeiro, afirma que existiu um consenso de que o fim da escravidão traria consigo desordem e desestruturação das relações produtivas. Diversos foram os projetos que visaram transformar os recém-libertos em trabalhadores. Tomando-os por ociosos, a República articulou a repressão à educação, visando incutir nos indivíduos uma moral útil ao trabalho, que ensinasse o “amor e respeito religioso à propriedade”, “qualidades fundamentais do bom cidadão”.³²⁰

É disso que trata a exclamação do nosso cronista. “Brutalidade!”

³¹⁶ FLOREAL, op. cit. p. 25.

³¹⁷ Ibidem. p. 27.

³¹⁸ SEVCENKO, op. cit.

³¹⁹ Ibidem. p. 56-57.

³²⁰ CHALHOUB, op. cit. p. 69.

Nessa descomunal fornalha do trabalho, onde os braços forjam o progresso, as vontades urdem a civilização e os egoísmos ululantes entesouram capitais, caldeia-se e atletiza-se audaciosamente, para variegados afazeres e diferentes misteres, uma geração de homens e mulheres, floração esplendida de similares integralizados nessa zona de luta e atividade [...] ³²¹

Integralizado, o imigrante conduziria o país ao progresso. A cidade, esse “verdadeiro tabuleiro de xadrez de raças e povos”, é o cenário de uma luta “fatal para vencer o rei dinheiro e a torre milhões”, onde “o mal material que fazem” os imigrantes, “deslocando os nossos capitais para as suas terras” é compensado pela vitória da civilização, pela permanência dos filhos dos estrangeiros “que constituirão no solo americano a família brasileira de amanhã.” ³²²

Mas, no capitalismo que se desenhava, nem tudo eram flores. A capital paulista guardava suas antinomias em espaços onde personagens transgrediam, resistiam, ou eram vencidos pelos limites que a gestão cientificista urbana queria lhes impor. ³²³

Os cinquenta anos posteriores à abolição da escravidão no estado de São Paulo são marcados por uma ampliação do mercado de trabalho e, conseqüentemente, por um alargamento da extração de mais-trabalho.

A cidade crescera vertiginosamente durante a primeira metade do século XX. Esse crescimento esteve atrelado ao sucesso do café no mercado exterior, a indústria da década de 1920 beneficiou-se da capacidade de criação de crédito gerada pela política cafeeira. ³²⁴ Entre 1907 e 1920, os censos industriais nacionais revelam que São Paulo desponta como o grande polo de produção brasileiro. Esse estado, que contava com 16,5% da produção industrial nacional, em 1907, salta para 31,5% de participação no ano de 1920, frente aos 20,8% referentes ao estado do Rio de Janeiro. ³²⁵

Se é certo que não se pode falar de uma industrialização efetiva entre os primeiros trinta anos do século XX, por outro lado, o dinamismo desse setor demonstra uma franca ascensão. Segundo Alexandre de Freitas Barbosa, durante aquelas primeiras três décadas, “o

³²¹ FLOREAL, op. cit. p. 27.

³²² Ibidem, p. 26-27.

³²³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem: a doença mental da República*. São Paulo: Brasiliense, 1990; FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*. São Paulo: Alameda, 2009.

³²⁴ DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Edusp, 1971.

³²⁵ BARBOSA, Alexandre de Freitas. *A Formação do mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 199.

produto industrial cresceu 5,3%, contra 3,1% no caso do produto agrícola e 4,1% para a média nacional.”³²⁶ Tal situação justifica o grande aumento de estabelecimentos industriais na cidade de São Paulo, que vão dos 3.120, em 1907, para 13.336 casas industriais no anos de 1920.³²⁷

Com o aumento industrial, a cidade também cresce em termos populacionais. Entre os anos de 1872 e 1920, com a chegada de imigrantes europeus, essa capital contou com um gigantesco incremento de indivíduos. Em números absolutos, a população aumentou em 18,5 vezes. Em 1872, São Paulo contava com 31.385 habitantes, esse número mais que dobrou até o ano de 1890, passando para 64.934 cidadãos. Dado que fica 3,6 vezes maior até 1900, atingindo a marca das 239.820 pessoas. Nos vinte anos seguintes essa cifra passa para a margem dos 579.033 moradores.³²⁸ Desse total, no ano de 1920, eram 54.935 trabalhadores empregados na indústria, um número quase quatro vezes maior de operários de 1907 (14.614 pessoas).³²⁹ Ou seja, os operários assalariados da indústria correspondiam a 27% das ocupações em São Paulo. Somando-se a esse número as pessoas ocupadas em pequenas empresas e oficinas artesanais, o Censo Demográfico de 1920 revelava que existiu um total de 100.388 trabalhadores paulistanos, ou seja, 49,3% dos empregados vivendo na cidade.³³⁰ Deles, cerca de 49,5% são imigrantes.

Totalizavam, nesse último ano, 100.821 trabalhadores, com destaque para o setor primário (agricultura, criação e minas), no qual 62,5% dos empregos eram ocupados pelos imigrantes, e para o setor manufatureiro/industrial, especialmente nos segmentos de metalurgia (52,2% do total), produtos químicos (53,4% do total), alimentação (69,9% do total) e edificação (64,3% do total). No setor de serviços, predominavam os estrangeiros nos segmentos de transportes e comércio, em que respondiam, respectivamente, por 62,7% e 63,6% do total dos trabalhadores ocupados.³³¹

Quanto aos trabalhadores brasileiros, concentravam-se nos setor de serviços, como o correio, telégrafo e telefones (85,5% do total dessa área). A força pública também reunia a mão de obra nacional (90,7% de brasileiros), assim como a administração pública (78,2%),

³²⁶ Ibidem, p. 200.

³²⁷ Ibidem, p. 197.

³²⁸ KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café” (1890-1920)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001, p. 118.

³²⁹ BARBOSA, op. cit., p. 201.

³³⁰ Ibidem, p. 92-93.

³³¹ Ibidem, p. 93.

profissões liberais (70,8%) e serviços domésticos (63,1%). Alexandre Barbosa ressalta que a ampla participação de brasileiros nos serviços domésticos é um indicador conveniente para calcular o excedente de força de trabalho e, conseqüentemente, a concentração de renda.³³²

Esses dados revelam uma alta taxa de desemprego e uma grande instabilidade. Se somarmos a isso os baixíssimos salários³³³ poderemos entender, num quadro mais amplo, a volumosa existência de profissões informais que contam como grandes ajudas para o complemento de renda.³³⁴

Nos anos iniciais da década de 1980, Maria Odila Leite da Silva, estudando o cotidiano da São Paulo da primeira metade do século XIX, desvendou os caminhos de mulheres brancas, pobres, escravas e forras no comércio popular da cidade. Mostrando a importância de recuperar aspectos das relações sociais do dia-a-dia dessas mulheres como uma forma de entendimento das diversas relações e condições de sociabilização que existiram em São Paulo³³⁵, a historiadora acompanhou essas pessoas que trabalharam, ainda durante o Império, como lavadeiras, que preenchiam as beiras “dos rios, com os filhos às costas”, ou como vendedoras ambulantes, que circulavam por toda a cidade, do Bixiga à Rua Direita.³³⁶

Desde os tempos do Império, as ruas de São Paulo estiveram repletas de mulheres e homens que, por falta de um mercado de trabalho amplo e acessível, buscaram formas alternativas e autônomas de sobrevivência. Esses sujeitos construíram modos diferentes de experimentar seus dia-a-dia.

Já no período republicano, encontraram formas distintas de resistir a uma lógica urbana pensada para disciplinar os pobres e desempregados. Com a entrada maciça de imigrantes em São Paulo, pode-se imaginar que parte boa desses empregos informais fossem ocupados por estrangeiros. Ainda assim, é necessário ressaltar a importante presença da população nacional e negra nesses postos de trabalho.

Após a assinatura da Lei Áurea, a experiência de ex-escravizados e afrodescendentes paulistanos foi marcada por grandes desafios: de um lado, diversas expectativas de inserção

³³² Ibidem, p. 94.

³³³ Ibidem, p. 91-106; FRITSCH, Winston. “Apogeu e crise na primeira república (1900-1930)”. In: ABREU, Marcelo de Paiva (org.). *A ordem do progresso: dois séculos de política econômica no Brasil*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

³³⁴ BARBOSA, op. cit. p. 91-106.

³³⁵ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª ed. rev., São Paulo: Brasiliense, 1995.

³³⁶ Ibidem, p. 25.

social foram frustradas; de outro, em uma cidade cada vez mais branqueada pela vinda de italianos, portugueses, espanhóis, alemães, franceses e mais uma infinidade de estrangeiros, a concorrência no mercado de trabalho³³⁷ e os conflitos étnico raciais acabariam por moldar uma situação de exclusão do negro de boa parte das atividades produtivas disponíveis durante os anos 1920.

Apesar de a população não brasileira contar com um maior contingente em números absolutos, se compararmos isoladamente o número de cada nacionalidade com o total da população negra paulistana, perceberemos a evidente presença de pretos e pardos em São Paulo. Entre os quatro maiores grupos étnicos que compuseram o perfil da sociedade paulistana de 1920, os italianos aparecem com 91.544 indivíduos, enquanto os portugueses somam 64.687, os negros, 52.113, e, por fim, os espanhóis, com 24.902.³³⁸

Numa sociedade ordenada pela lógica do branqueamento, cuja política de formação da força de trabalho assalariada esteve vinculada, simbolicamente, à imagem do trabalhador branco, o que esteve sempre em monta foi a manutenção de uma hierarquia racial.³³⁹

Voltemos às crônicas de Sylvio Floreal! As suas páginas evidenciam o lugar que o negro ocupou no imaginário social da metrópole em formação. Dissertando sobre a presença dos “párias” na cidade, descreve-os como “os mendigos verdadeiros e os disfarçados, os malandrinhos por ofício, os vagabundos por tara e os bêbados por fatalidade.”³⁴⁰

O cronista, sensível ao novo *ethos* moderno, que transforma as relações humanas em um ato eletrizante de pura encenação³⁴¹, enxerga na noite paulistana todos os vícios – sintomas da modernidade - que a vertiginosa capital empurra, goela abaixo, aos homens e mulheres que, trocando o dia pela noite, iam aos bares e cabarés “estrangular as horas, à procura de esquecimento, numa taça de champagne ou na doídice embriagadora de um jazz-band...”³⁴²

Como relator da miséria desse homem-máquina, o nosso *flâneur* percorre o submundo metropolitano, à caça dos “desocupados eternos” que preferem passar “quinze dias do mês

³³⁷ ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo: 1888-1988*. Bauru: EDUSC, 1998.

³³⁸ DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-Abolição*. São Paulo: Senac, 2004, p. 317.

³³⁹ Ibidem, p. 106.

³⁴⁰ FLOREAL, op. cit, p. 51.

³⁴¹ SEVCENKO, op. cit.

³⁴² FLOREAL, op. cit, p. 36.

reclusos na Cadeia Pública” e, outros quinze dias, dormindo no Albergue. Não haveria trabalho que os atraísse. Informado por uma lógica que reputa aos pobres e negros a pecha de perigosos, vadios, sujos e desordeiros³⁴³, Floreal não pode entrever outra coisa, senão essa população como:

indivíduos mais ou menos fortes, que não querem, por cousa alguma neste mundo, maltratar o corpo. Essa tarefa de consumir o corpo, dizem eles com os seus botões, está confiada galhardamente à bebida e à vagabundagem: beber e flunar sempre, dia e noite, já é fazer alguma coisa...³⁴⁴

O narrador onisciente, que sabe o que os sujeitos “dizem com seus botões”, não precisa nem se dar ao trabalho de relativizar o estereótipo do outro. A coerência do mundo já lhe basta. Prova disso? É a “chusma de pretas e mulatas, esfarrapadas, encarquilhadas, espalhando um fétido nauseante de álcool e outros cheiros próprios da espécie.”³⁴⁵

A descrição sobre essas mulheres que dormem no albergue, legitimada pelas diferentes vertentes do racismo científico³⁴⁶, guarda em si uma explicação biológica para os trejeitos daquela “espécie”. São “pretas velhas, sempre muito faladoras, gingando sobre as pernas, com um litro de ‘parati’ na cabeça”³⁴⁷, sempre mencionando as agruras de suas vidas. “– Fui escrava da família tal, fulano e sicrano mamaram no meu peito. Hoje passam por mim na rua, fingem que não me conhecem e se desviam da gente como de um cachorro tihoso!”³⁴⁸

Numa leitura a contrapelo, mesmo com uma representação pautada no senso comum sobre os ex-escravizados, pode-se escutar as vozes dos sujeitos egressos da escravidão. Contraditório? Ainda que fosse justo buscar coerência em um autor que viveu num tempo repleto de indefinições³⁴⁹, não me parece o caso. A vozes das negras são bem calculadas, são a introdução para a crítica aos filhos “dos donos de fazendeiros que foram donos de toda essa gente, que a miséria rói lentamente”.

Veneradas famílias que moram na avenida Paulista, Higienópolis e outros arrabaldes aristocráticos”, que gastam os seus dias no Automóvel Club, no Bar Municipal, com

³⁴³ CUNHA, op. cit.

³⁴⁴ FLOREAL, op. cit, p. 52.

³⁴⁵ FLOREAL, op. cit, p. 53.

³⁴⁶ FERLA, op. cit.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

³⁴⁷ FLOREAL, op. cit, p. 53.

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ SEVCENKO, op. cit.

suas amantes, ou no Mappin, “onde se toma chá com todo o protocolo da futilidade.”³⁵⁰

Dessa história, sugere a ideia de um problema a ser solucionado. Como conter esse choque entre ex-escravizados e ex-senhores? Como evitar que negros e pobres habitassem as redondezas aristocráticas? Já não era um problema recente, desde inícios do século XIX até o fim do cativeiro, o tema do negro livre esteve presente nas preocupações de governantes e legisladores. A grande questão era: “o que fazer com o negro após a ruptura da polaridade senhor-escravo”³⁵¹?

Foram diversos os projetos que pensaram a incorporação (tutela) do negro à sociedade de classes. A ânsia pela disciplinarização do trabalhador nacional foi um processo comum à diversas regiões do Brasil. Muitas cidades paulistas, baianas ou pernambucanas, passaram por isso. Célia Azevedo demonstrou que, décadas antes da Abolição, a elite cafeicultora paulista já voltava sua atenção para a possível substituição do trabalhador nacional pelo imigrante. A principal preocupação dos grandes proprietários de terras paulistas e seus representantes políticos era o caráter “imoral” do trabalhador nacional, negros aí incluídos. Antes que os projetos imigrantistas fossem postos em prática, deputados paulistas defenderam a utilização de mão de obra livre no mercado de trabalho, com a ressalva de que, uma vez vadios, deveriam ter seu tempo de trabalho regulado e seu cotidiano educado para as práticas laborais.³⁵² Os aparelhos coercivos e os projetos educacionais do Estado brasileiro sempre estiveram orientados para moralizar o trabalhador nacional a pretexto de civilizá-los.

Era esse o imaginário que o negro brasileiro iria enfrentar. Imaginário que forja concepções acerca de mulheres e homens, como é o caso de mais esse personagem do *Ronda da meia-noite*.

Nos últimos momentos da história do albergue, conta-nos, nosso sagaz observador, aproxima-se da porta de entrada um “rapagão amulatado, forte, de olhos congestionados, denunciando ressaca de valentes bebedeiras”, a solicitar uma cama. (A referência ao porte físico do sujeito remete à máxima anterior: “beber e flunar, já é estar a fazer alguma coisa!”).

³⁵⁰ FLOREAL, op. cit, p. 53-54.

³⁵¹ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 27.

³⁵² Ibidem, p. 91-152.

“– Oh! Seu Fabrício! O sr. Ainda não arranjou serviço! Isto assim não pode continuar”; dizia o senhor José Freitas e Silva, inspetor do albergue que Sylvio Floreal nos apresenta. E continuava: “- O sr. dorme aqui já uma dezessete noites, quando o prazo indicado nos Estatutos é simplesmente quinze!” Fabricio pede desculpas, argumentando não encontrar trabalho, mas a resposta já vem pronta, como que decorada.

– Como é que você quer arranjar trabalho, se durante o dia você dorme nos capinzais da Ponde Grande e à noite fica até às dez horas no frontão, dando palpites de quinielas³⁵³! Está bem! Deixe aqui os cigarros, os fósforos, o dinheiro, se o tiver e vá dormir. Servente! A cama número treze para este homem! Amanhã escusa de voltar aqui, ouviu seu Fabrício?

O homem desapareceu. Incorrígível como um burro chucro; no outro dia lá está ele grudado à grade de cancela, fazendo jus à cama número 13, que, apesar de ser um número azarento, é maternalmente boa.³⁵⁴

“Incorrígível como um burro chucro”, é a melhor expressão para encaminharmos o fim dessa seção. A palavra “burro”, usada para descrever Fabrício, além de remeter a constante aproximação que o cronista faz dos negros aos animais, também refere-se à noção pejorativa de um sujeito sem inteligência.³⁵⁵ O termo “Chucro” indica a concepção racista de que negros e negros, tais como Fabrício, são selvagens, bravios e intratáveis. A composição do vocábulo “burro chucro” quer dizer: animal “bravo ou ainda não domesticado.”³⁵⁶

É por esse caminho que segue o imaginário social em relação ao negro. São homens e mulheres que deveriam ser domesticados, segundo os padrões morais de uma República cada vez mais racializada.³⁵⁷ Queria-se impor padrões do que deveria ser um bom trabalhador. Aos

³⁵³ Jogo de pelota ou boliche, do castelhano platino quiniela ou também quiniela

³⁵⁴ FLOREAL, op. cit, p. 54-55.

³⁵⁵ BURRO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/burro>. Acesso em 19 de jan. 2017.

³⁵⁶ CHUCRO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/burro>. Acesso em 19 de jan. 2017.

³⁵⁷ Ao inquirir sobre as formas pelas quais a noção de raça respaldou as hierarquias sociais nos Estados Unidos, Barbara Fields ressaltou a necessidade de entender a historicidade do conceito de raça. Por isso, sugere que se substitua o termo raça por racialização, denotando a ideia de movimento, de discurso em constante trânsito, “à mercê das circunstâncias de cada tempo e lugar”. Para Fields, as raízes das relações raciais do século XX devem ser buscadas no desvendar das relações burguesas intensificadas no fim do século XIX. É a partir dessas relações que os discursos racionais e científicos foram forjados, criando um ethos de categorias raciais. Nesse sentido, as diferenciações raciais são expressões ideológicas das práticas sociais burguesas. A introjeção desse ethos só pode ser entendida a partir da análise dos mecanismos disciplinares dessa sociedade, tais como a escola, a família. A raça deve ser entendida como um produto da história, não da natureza. Ela é um elemento da ideologia conectado a outros elementos ideológicos, não um fenômeno isolado no mundo social. Cf. FIELDS, Barbara J. “Ideology and Race in American History”. In: KOUSSER, J. Morgan; MCPHERSON, James M (Org). *Region, Race, and Reconstruction: Essays in Honor of C. Vann Woodward*. New York: Oxford: Oxford University Press, 1982, p. 143-177. Disponível em: <http://msuweb.montclair.edu/~furr/essays/fieldsideolandraces.html>. Acesso em 02 de nov. 2014. Ver também: ALBUQUERQUE, op. cit.; MATTOS, op. cit. A historiografia sobre os processos emancipacionistas do

que não se adequassem a esse modelo, medidas educativas, coercitivas e repressivas deveriam ser tomadas. Aos órgãos policiais, coube a repressão e a adequação à norma dos que escaparam daqueles modelos de moralidade.

Não só os negros fugiam desses modelos, mas, sobretudo eles eram vistos como sórdidos morais que, frequentando os estabelecimentos mais pobres da cidade, formariam essa “súcia de indesejáveis” que habitavam os becos e as tabernas espalhadas pelas ruas “Anhangabaú, Seminário, Quintino Bocaiúva, esquina com Senador Feijó, largo do Riachuelo e Piques”. Lá, interpretando os bares onde a “corja” habitava, Sylvio Floreal, novamente, só pode especular sobre a “mistura de negralhões, mestiços, mulatações e ‘fêmeas’ desbocadas e sujas”, que dividiam espaço com “chauffeurs, carroceiros, carregadores, garçons e antigos guarda-cívicos e secretas, postos em disponibilidade, uns por indisciplina, outros por confabularem com cáftens, ladrões, escroques e desordeiros.”³⁵⁸ Definitivamente, a noite paulistana não era mais dos “boêmios clássicos, de alguma cultura”³⁵⁹. Se algum dia chegou a ser deles, nunca foi exclusiva. As noites, assim como o dia, também eram palcos onde mulheres e homens, negras e brancos, carroceiros³⁶⁰ e choferes, ricos e pobres disputavam os enredos do convívio social.

Em meio a toda tensão latente, buscava-se articular repertório que pudesse dar ordem àquele caos. É com esse repertório que Sylvio Floreal interpreta a cidade e seus habitantes. Nessa desordem, onde negras e negros insistiam em compartilhar e disputar espaço e aprendizados, tutela alguma parecia dar jeito. A República moderna não era um paraíso. Longe disso! Continuemos seguindo o cronista, em sua descida ao inferno.

Caribe e dos Estados Unidos contribuíram fortemente para o amadurecimento do conceito de racialização. Ver COOPER, Frederick. et. al. *Além da escravidão*: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedade pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

³⁵⁸ FLOREAL, op. cit, p. 66.

³⁵⁹ Ibidem, p. 31.

³⁶⁰ Segundos Carlos José Ferreira dos Santos, na cidade de São Paulo, negros costumaram exercer profissões como carroceiros e ambulantes. Andrews avalia que, com a dificuldade de se conseguir algum emprego na cidade de São Paulo, os ex-escravos tiveram que criar novas oportunidades trabalhando como carregadores, limpadores de quintal, carpideiros de ruas, lavadores de automóveis, engraxates. As mulheres ocuparam comumente o serviço doméstico. É importante ressaltar que, mesmo com toda a carga do racismo, a exclusão dos trabalhadores negros não foi absoluta do emprego industrial. ANDREWS, op. cit., p. 113-115; SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano*: São Paulo e pobreza: 1890-1915. 3ª edição, São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

Das amarguras aos pecados: o espetáculo cosmopolita

A estrutura do livro *Rondas da meia-noite* tem sua configuração marcada pela divisão em sete trípticos: o dos vícios, das misérias, das amarguras, dos esplendores, dos costumes pinturescos, dos pecados e, finalmente, o dos episódios tragicômicos. Depois de denunciar os vícios e as chagas da cidade, Floreal nos apresenta os efeitos causados pela contradição metropolitana. Pelo restante do livro, seguem mais cinco partes, em que o autor desvela o cotidiano de presidiários, dos “loucos”, cuja vida parece ser inconciliável com os esplendores que a sinfonia cosmopolita pode oferecer a poucos. Mas, ainda que no mundo das sombras, costumes pinturescos dão cores às ruas que, ao anoitecer, desfilam pecadores ávidos pela vida que passa.

“Duas horas na cadeia pública” – “Av. Tiradentes, nº 5” – era como descer ao inferno. Lugar de sofrimento, gritos e choros, foi um “casarão colonial austero, decrepito, cansado”, clamando pela “misericórdia salutar da picareta.”³⁶¹ O edifício que, segundo a pena de Sylvio, construído no ano de 1851, trabalhou noite e dia, mais do que suas forças poderiam aguentar, era a contraposição do arcaico ao moderno. “É um anacronismo, uma carcaça mefítica, abjeta, ao lado do progresso desta capital que tu viste nascer!”³⁶²

Antítese necessária, guardada por policiais “hirtos e vigilantes como domadores de feras”, estas que, por acidente, falam muito, sempre dizendo que “estão presos sem saber o porquê.”³⁶³ Num lugar como esse, não há piedade que possa corrigir as “criaturas humanas”³⁶⁴.

Os que cometeram crimes alegam mil e uma atenuantes em abono de sua inocência. Os detidos por briga, roubo, vagabundagem e outras patifarias, clamam contra a polícia que não faz outra coisa senão persegui-lo.

Toda a vigilância lá dentro é pouco. Frequentemente, há engalfinhamentos entre os que estão reclusos por vagabundagem e gatunice. O diretor se vê zozinho para manter uma relativa ordem entre eles.

– O senhor não imagina – diz-me o diretor –; todos se dizem inocentes, mas por qualquer coisa discutem, provocam distúrbios. Entre eles, da discussão não nasce luz, nasce pancadaria!³⁶⁵

³⁶¹ FLOREAL, p. 71.

³⁶² Idem.

³⁶³ Ibidem. p. 72.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ Ibidem. 72-73.

O escritor continua. A cadeia pública parece um turbilhão de olhares incorrigíveis, suplicando por piedade. Parecia uma coleção heterogênea de fisionomias, magotes de pessoas que “falavam lamentosamente, com os lábios secos e os músculos faciais parados numa contração de revolta surda!”³⁶⁶

De todos aqueles homens, um chamou a atenção. Era um “mulato alto, espadaúdo, de beiços carnudos, sensualmente vermelhos como a polpa de uma romã.”³⁶⁷ Já vimos que a fórmula narrativa de Sylvio Floreal faz constante referência ao tamanho e força física dos sujeitos para estabelecer um vínculo contraditório entre preguiça e a aparente adaptabilidade biológica ao trabalho. Mas, aqui, àquele preceito discursivo, soma-se mais uma alegoria. A imagem de força, agregada à metáfora libidinosa do mulato, quer passar a impressão de que se trata de um homem perigoso, sedutor, que precisa ser contido.

[...] Indago quem é.

– Esse é aquele que anavalhou o rosto da Nenê Romano.

Ele não ouviu. Mas, percebendo minha insistência, pois o fitava atentamente, torceu as pontas do bigode e, um tanto contrafeito, abaixou-se e desapareceu.³⁶⁸

O fim da anedota é instrutiva quanto a eficiência e necessidade da cadeia pública para a São Paulo pós-Abolição. Acossados pela ânsia disciplinadora, era urgente controlar e colocar pessoas, como aquele negro, em seus devidos lugares. Assim, ele, sem ouvir a pergunta do visitante, mas, percebendo a sua insistência, “torceu as pontas do bigode e, um tanto contrafeito, abaixou-se e desapareceu.”³⁶⁹

Não é de se estranhar a presença negra na população carcerária de São Paulo. Numa cidade com maioria populacional branca (visto que o contingente imigrante, somado aos brancos nacionais, supera, e muito, o número de negros), causa desconforto ver que, em 1923, dos 6.503 detidos pela polícia, 2.173 (33,5%) eram pessoas pretas ou pardas.³⁷⁰ São números consideráveis, mesmo se não levarmos em conta a porcentagem de brancos. Pensando que boa parte desses indivíduos foi das camadas mais pobres e que a quantidade de brancos pobres supera a de negros no total dos números apresentados pelo censo de 1920,

³⁶⁶ Ibidem. p.73.

³⁶⁷ Idem.

³⁶⁸ Idem.

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ DOMINGUES, op. cit. p. 143.

impressiona que mais de 30 por cento da população carcerária seja composta por homens e mulheres negras.

O racismo influenciou fortemente a vida de pretos e pardos na São Paulo dos anos 1920. Vidas como a de João Benedicto, 40 anos de idade, solteiro, padeiro, brasileiro, sem saber ler nem escrever, alto, cor preta.³⁷¹

Fora denunciado por feitiçaria e por exercer profissão de curandeiro, ainda no ano de 1892. Segundo relatos das testemunhas, existiu, no bairro do Carandiru, um doente que já estava com seus dias contados.

Sabendo disso o denunciado, que dizem ser feiticeiro e que exerce a profissão de curandeiro, foi se apresentar ao dito doente, prometendo curá-lo, e neste empenho tem ministrado ao mesmo certo medicamento e que o tem tornado inchado. Dizem no bairro que um João Benedicto tirou do ventre do referido doente uma grande quantidade de vidro prometendo fazer outro tanto a outras pessoas do mesmo lugar, que se achão atemorizados com tais promessas, receiando serem vítimas das falcatrias do pseudo-curandeiro.³⁷²

O promotor público, Candido Napanzeno Nogueira da Motta, acaba por denunciar João com base no inquérito policial de 20 de dezembro de 1892.

Desde o início do processo, é atribuída ao réu a pecha de culpado. Residindo na cidade de Santos há dois anos, no período de crime, João respondeu não conhecer as pessoas que o acusam e que

vindo de Santos, à esta Capital, e passando por Carandiru, soube que um seu amigo estava doente, então foi visitá-lo e como foi escravo algum tempo e viu seus companheiros usar remédios de roça, ficou com dó do doente e perguntou a ele se queria experimentar a pomada feita com a banha de largato e raposa e alho do macho, ao que respondeu o doente que sim, fez o medicamento. Que não é verdade que tirasse vidro da barriga do doente e não tampouco prometeu fazer mal a quem quer que seja. Que nunca foi feiticeiro e curandeiro, por ter estado empregado em Santos, no correio e ultimamente numa padaria, donde tirou licença para vir passear em São Paulo e que logo retornasse a referida cidade, não tinha motivo algum de fazer mal a pessoa alguma.³⁷³

³⁷¹ DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL; Arquivo Público do Estado de São Paulo. Processo-crime referente ao réu João Benedicto, de 1893. Documento C-28, caixa 748. A grafia do processo seguiu a forma original, que consta nos autos.

³⁷² DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL; Arquivo Público do Estado de São Paulo. Processo-crime referente ao réu João Benedicto, de 1893. Documento C-28, caixa 748.

³⁷³ DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL; Arquivo Público do Estado de São Paulo. Processo-crime referente ao réu João Benedicto, de 1893. Documento C-28, caixa 748.

O grande motivador da queixa-crime parece ser o medo que um negro, ex-escravizado, pudesse circular livremente pela cidade.

Isidoro Pinto, brasileiro, com cinquenta e três annos, casado, lavrador, morador no bairro do Carandiru, nesta Capital. Aos costumes disse nada. Testemunha [...] disse que: conhecer o preto João Benedicto, feiticeiro e curandeiro porque mora pegado a casa de um doente que o mesmo curandeiro esta tratando. Que ouviu falar por pessoas moradoras no bairro do Carandiru, que o preto feiticeiro João Benedicto tem tirado vidro do estomago desse doente. Que naquele bairro, depois que João Benedicto veio morar alli e está curando o doente todos os moradores o respeitam e tem medo dele por que dizem ser João Benedicto um feiticeiro e fazer o que quer.³⁷⁴

A contradição entre o relato de Isidoro Pinto e o de João tem indícios de resolução pelo depoimento de Pedra Cardoso, de 30 anos, brasileira, casada, ocupada com serviços domésticos.

Disse que: João Benedicto, preto, feiticeiro e curandeiro, estava morando em casa de um doente a quem estava tratando no bairro do Carandiru. Que ouviu dizer que o mesmo preto havia tirado uma porção de vidros do estomago do doente que estava curando e que o mesmo preto prometeu tirar vidros e outras coisas da barriga de outras pessoas e que isto sabe por ouvir falar. Que sabe que no bairro onde mora todos vivem com muito medo do preto porque dizem que elle é feiticeiro e faz o que quer.³⁷⁵

Joaquim de Barros, brasileiro, com 70 anos, viúvo, carroceiro, morador no bairro do Carandiru, também confirma a versão de que João Benedicto estava de visitando a casa do doente.

Disse que há três semanas mais ou menos appareceu no bairro do Carandiru o preto João Benedicto que dizem ser feiticeiro e curandeiro. Que esse preto está curando um doente que foi desenganado pelos médicos. Que ouviu falar que o mesmo preto tirou da barriga do doente uma porção de vidro e que o prometera fazer mal a Pedra Camargo e tirar vidro e cobras da barriga da mesma dando-lhe um remédio que a havia de deixar louca. Que sabe por ouvir dizer que o doente que o preto está curando está todo inchado devido aos remédios que o preto lhe faz ingerir. Que no bairro do Carandiru todos vivem sobressaltados [ilegível] o preto porque dizem que elle feiticeiro e faz coisas que nunca se viu.³⁷⁶

³⁷⁴ DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL; Arquivo Público do Estado de São Paulo. Processo-crime referente ao réu João Benedicto, de 1893. Documento C-28, caixa 748.

³⁷⁵ DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL; Arquivo Público do Estado de São Paulo. Processo-crime referente ao réu João Benedicto, de 1893. Documento C-28, caixa 748.

³⁷⁶ DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL; Arquivo Público do Estado de São Paulo. Processo-crime referente ao réu João Benedicto, de 1893. Documento C-28, caixa 748.

Num processo em que só se pode acusar o réu com base em boatos é curiosa a ausência da autópsia nos autos. Independente de ser culpado ou inocente da morte do colega, o grande problema que o processo apresenta é o fato que Benedicto pode “fazer o que quer”. O processo termina com os autos inconclusos, posto que João não fora mais encontrado. Segundo as testemunhas, teria retornado à Santos.

Essa história é exemplar quanto ao ambiente cultural que os negros enfrentavam ao viver em São Paulo. A ação policial deveria conter a mobilidade desses cidadãos³⁷⁷ que compunham a gama de cores e etnias paulistanas. Negras e negros experimentaram seus espaços de trabalho e de lazer sob a constante vigilância e repressão. Era uma verdadeira guerra contra os costumes, cultura e superstições que se aproximassem das experiências afrodescendentes.³⁷⁸

Em um conto, intitulado Tia Josepha, o Jornal Correio Paulistano, de 27 de julho de 1888, retrata a vida de uma cozinheira negra, casada com Manoel Congo, coveiro, também negro. Nas linhas que seguem, o pequeno texto afirma que ela era uma curandeira que cozinhou gostosos pasteizinhos de carne. Os pasteis seriam vendidos. O clímax da história ocorre no dia do enterro de uma criança loira e alva, que tia Josepha tentou tratar com suas “beberagens.”³⁷⁹ É quando se dá a descoberta da ausência do pequenino corpo no caixão que seria enterrado no cemitério em que Manuel Congo e Josepha moravam e trabalhavam. Dá-se a procura pelo corpo. Nem os famosos pasteis da cozinheira poderiam consolar a perda de uma mãe! Por fim, encontrou-se, por de baixo da mesa em que Tia Josepha preparava os pasteis, osso pequeninos de uma criança. A mãe, ao saber, “gemia semi-louca”. “Tinha comido a sua filha em pasteis.”³⁸⁰

O clima tenebroso que o cronista do Correio Paulistano consegue tecer, um pouco mais de dois meses depois da Abolição, nos serve como exemplo do repertório sociocultural mobilizado contra homens como João Benedicto. É com esse tipo de representações da realidade³⁸¹ que autores, como Sylvio Floreal, articulam suas escritas.

³⁷⁷ ROSEMBERG, André. *De chumbo e festim: uma história da polícia paulista no fim do Império*. São Paulo: Edusp, 2010.

³⁷⁸ KOGURUMA, op. cit.

³⁷⁹ Ibidem, p. 123.

³⁸⁰ Ibidem, p. 125.

³⁸¹ NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

Com tudo isso, podemos voltar a pensar nos presidiários do *Ronda da meia-noite* com a certeza de que, tidas como incorrigíveis, aquelas pessoas não poderiam gozar da liberdade devido a sua inerente periculosidade.³⁸²

Não importa a cor dos sujeitos retratados por Floreal, constantemente ele lança mão de expressões que aproximam esses sujeitos à barbárie. Seu texto é repleto de sentenças que vinculam degeneração, devassidão e perversidade à herança cultural negra. Os locais por onde sua pena transita não passam de um vasto “laboratório, espectral, cheio de aparições, de mandingas, diabólicos feitiços, sortilégios e malefícios.”³⁸³

Com exceção do capítulo que disserta sobre a vida nos cinemas paulistanos e dos footings, o livro é repleto de pretas, pretos, pardos e morenos. É como se o autor não os autorizasse a participar dos esplendores da modernidade. Mas isso é só mais uma ilusão. Aquelas mulheres e homens estão ali presentes.

Por descuido, talvez, Sylvio Floreal, ao flunar pelos bairros pobres e ricos da São Paulo dos anos 1920, deixa escapar cenas da presença de famílias negras que perpetuam a tradição de vender, nos tabuleiros, doces e balas nas portas dos cinemas, dos circos e em qualquer parte.

Deste modo, pode-se concluir que a cidade cosmopolita assume uma fisionomia diferente da que tanto almeja. Era um ambiente marcado pela indefinição, por tensões, contradições e conflitos. As crônicas tratadas por esse artigo revelam uma mescla de múltiplas experiências de mundo, onde cores e etnias disputaram costumes do uso urbano.³⁸⁴ Mesmo contestada, a parcela negra da população frequentou, dos bares, dos bailes à indústria, ambientes que se imaginavam brancos exclusivamente. É disso, também, que se trata o *Rondas da meia-noite*.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo: 1888-1988*. Bauru: EDUSC. 1998.

³⁸² FERLA, op. cit.

³⁸³ FLOREAL, op. cit, p. 65.

³⁸⁴ KOGURUMA, op. cit.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2004.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. “O mercado de trabalho antes de 1930: emprego e “desemprego” na cidade de São Paulo”, *Novos Estudos*, nº 80, São Paulo, 2008.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *A Formação do mercado de trabalho no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

BRASIL, Eric. *Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição*. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). 2016. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história da literatura*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando Teixeira. “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”. *Cadernos AEL*, v.14, n. 26, Campinas, SP, UNICAMP/IFCH, 2009, p. 15-45.

CHALHOUB, Sidney. “Apresentação”. *História Social*, nº 22/23, Campinas, SP, 2012.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

COOPER, Frederick. et. al. *Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedade pós-emancipação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Carlos Eduardo C. *De Pé Calçado: Família, Trabalho e Migração na Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)*. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Cidadelas da ordem: a doença mental da República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo: Edusp, 1971.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª ed. rev., São Paulo: Brasiliense, 1995.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-Abolição*. São Paulo: Senac, 2004.

FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*. São Paulo: Alameda, 2009.

FIELDS, Barbara J. “Ideology and Race in American History”. In: KOUSSER, J. Morgan; MCPHERSON, James M (Org). *Region, Race, and Reconstruction: Essays in Honor of C. Vann Woodward*. New York: Oxford: Oxford University Press, 1982, pp. 143-177.

FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: história e trajetórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. 2004. 355 f. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 2004.

FRAGA, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRITSCH, Winston. "Apogeu e crise na primeira república (1900-1930)". In: ABREU, Marcelo de Paiva (org.). *A ordem do progresso: dois séculos de política econômica no Brasil*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GINZBURG, Carlo. "A áspera verdade – um desafio de Stendhal aos historiadores". In: _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. "Introdução" In: _____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Flávio dos Santos; NEGRO, Antônio Luigi. "Além de senzalas e fábricas: um certo número de ideias para uma irrestrita história social do trabalho." In: GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG, Fino Traço, 2013, p. 25-43.

GOMES, Flávio dos Santos; PAIXÃO, Marcelo. "Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil." In: GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG, Fino Traço, 2013, p. 305-325.

KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na "metrópole do café" (1890-1920)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001.

KOGURUMA, Paulo. "A saracura: ritmos sociais e temporalidades na metrópole do café, 1890-1920". *Revista Brasileira de História*, vol. 19, nº 38, São Paulo: ANPUH, 1999.

MATTOS, Hebe M. de Castro; RIOS, Ana Maria. "O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas". *Topoi*, volume 5, nº 8, Rio de Janeiro, janeiro-junho 2004.

MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX)*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

RAGO, Margareth. “Nas margens da Paulicéia”. In: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ROSEMBERG, André. *De chumbo e festim: uma história da polícia paulista no fim do Império*. São Paulo: Edusp, 2010.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso. A representação humorística*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915*. 3ª edição, São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

SCHAPOCHNICK, Nelson. “Ronda Paulistana”. In: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2015.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *A gente da Felisberta: consciência histórica, história e memória de uma família negra no litoral rio-grandense na pós-emancipação (c. 1847 – tempo presente)*. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

Recebido em 20 de janeiro de 2017.

Aprovado em 27 de maio de 2017.